

**AFRICANIDADE E IDENTIDADE YORUBÁ NOS TERREIROS DO SERTÃO:  
A FORÇA DA TRADIÇÃO ORAL**

***AFRICANITY AND YORUBA IDENTITY IN THE TERREIROS IN THE SERTÃO:  
THE POWER OF ORAL TRADITION ABSTRACT***

*Maria Rosa Almeida Alves*

Mestranda em Educação Cultura e Territórios Semiáridos – UNEB  
[rosaroseiralves@gmail.com](mailto:rosaroseiralves@gmail.com)

*Juracy Marques*

Pós-doutor em Ecologia Humana (UNL-PT) e em Antropologia (UFBA),  
Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
[juracymarques@yahoo.com.br](mailto:juracymarques@yahoo.com.br)

**Resumo**

Neste artigo, destacamos a importância da língua yorubá como elemento agregador da memória ancestral através de uma das religiões de matriz africana dos terreiros, o candomblé. Assim como outras línguas que foram trazidas da África, o yorubá merece ser estudado e reconhecido como língua viva e portadora de simbologias para os falantes. Nesse caso específico, consideramos que o aspecto linguístico tem sido elemento fundamental para a manutenção dos terreiros de nação Ketu, os quais, conforme documenta Castro (1983), se implantaram a partir da chegada dos africanos nos territórios de Pernambuco e Bahia. Embora tendo conhecimento que em ambos os terreiros há uma duplicidade de cultos, onde se entrecruzam rituais das nações Ketu e Angola – portanto, yorubá e banto – decidimos, neste artigo, nos deter apenas aos fragmentos dessa língua utilizada nos rituais. A metodologia desenvolvida foi a escuta de cantos e rezas dirigidos as divindades cultuadas nos terreiros – Orixás e caboclos – e a partir disso, a transliteração, com a finalidade de detectar os referidos elementos linguísticos presentes no cotidiano ritualístico do candomblé. Dessa forma, queremos compreender como o povo de terreiro, mediados pela língua, experimenta modos de afirmação de suas identidades afrobrasileiras. Por fim, este trabalho visa compreender, mesmo que indiretamente, aos processos educativos em perspectiva contextualizada.

**Palavras-chave:** Candomblé. Diáspora africana. Cultura. Yourubá.

**Abstract**

This paper highlights the Yoruba language as an important element in the transmission of ancestral memories through one of the African religions of the Brazilian Terreiros (temples), the Candomblé. As other African languages brought to Brazil, Yoruba needs to be studied and known as a live language which has meaningful simbologies to the ones who speak it. In this specific case, it was considered that the linguistic aspects have been essential features to the maintenance of the terreiros of the Ketu nation, which according to Castro (1983) were established right after the Africans arrival in the territories of Pernambuco and Bahia. Knowing that there is a coexistence of two cults in both terreiros,

where the rituals of the nations of Ketu and Angola merge – thus Yoruba and Banto – it was decided that only the Yoruba language extracts used in the rituals shall be considered in this paper. The methodology used was listening to chants and prayers to the deities worshipped in the terreiros – Orixás and caboclos - then, the transliteration with the purpose of detecting the elements present in the Candomblé's rituals and routine. Therefore, it will be possible to understand how the members of the terreiro, by using the language, experiment ways of assertion of their Afro-Brazilian identities. In the end, this paper aims to understand, even if indirectly, the educational processes in a contextualized perspective.

**Keywords:** Candomblé. African diaspora. Culture. Yoruba

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho aborda os processos de transmissão oral na manutenção de saberes ritualísticos do Candomblé, uma religião de matriz africana, e as possíveis formas que a língua yorubá (também vinculada aos termos Nagô ou Keto) tem tomado nesse trajeto histórico de construção de identidades afrobrasileiras nas famílias ampliadas de santo. O objetivo é constatar como tem se dado o uso da língua yorubá em dois terreiros de candomblé em Juazeiro-Bahia, e de que maneira essa utilização vem significando um elemento de fortalecimento das identidades de homens e mulheres filhos e filhas de santo na comunidade dos terreiros. De modo mais abrangente, o artigo compõe um esforço de pesquisadores para construir referências teóricas que sustentem um educação contextualizada, sobretudo para as chamadas comunidades tradicionais.

Por educação contextualizada, desde já, assume-se aqui a ideia de que se trata de uma posição ética e uma compreensão em relação aos processos formativos do outro, que sempre traz marcas de uma história compartilhada, de um lugar vivido, de linguagens e saberes próprios. Nas palavras de Reis (2009), a educação contextualizada deve levar em conta as especificidades do outro, o que possibilita o diálogo entre os diversos conhecimentos.

### **Os povos africanos**

Sobre os povos africanos, estes chegaram ao Brasil mediante uma articulação dos processos capitalistas que produziram o sistema escravocrata, prática essa que obrigou, compulsoriamente, cerca de 3,5 milhões (MARQUES, 2015) de africanos a

atravessar o Atlântico em embarcações sob condições subumanas para viverem como escravizados no Brasil, assim como em outros países americanos.

Nesse processo, que foi determinante para a implantação do capitalismo pré-industrial no Brasil Colônia, os grupos recém-chegados da África tiveram o importante papel de assumir os trabalhos mais pesados e em piores condições, o que afetava definitivamente suas existências. Dentre o conjunto de atrocidades praticadas pelos senhores de escravos, possivelmente a que teve maior impacto para a unidade simbólico-cultural daqueles grupos tenha sido a separação de núcleos familiares e/ou étnicos.

Por ser o Brasil um país de dimensões continentais, a separação dos africanos resultou em uma desagregação forçada dos laços familiares entre os escravizados. Nesse movimento de dispersão muitos perderam, enquanto os senhores dos escravizados ganharam. E uma das estratégias desse ganha-perde foi a desestabilização da organização dos que foram escravizados, gerando efeitos que não temos como descrever em sua minúcia. Assim, se constituiu dentro do território brasileiro uma diáspora dentro da diáspora maior, em que grandes contingentes de africanos foram forçados a viver em países das Américas e outras partes do mundo mediante o tráfico humano praticado entre os séculos XVI e XIX.

As diversas etnias se espalharam e sofreram uma desagregação de elementos constituidores da sua unidade social: a religiosidade, a língua, os laços familiares e grupais. O que se sabe é que as línguas trazidas por esses grupos humanos também sofreu perdas, dispersando-se com seus falantes. Referindo-se à presença africana nos países do Atlântico, e as interfaces culturais e linguísticas resultantes desse processo, Hall (2009) considera que:

Os sinais e traços dessa presença estão, é claro, por toda parte. A “África” vive, não apenas na retenção das palavras e estruturas sintáticas africanas na língua ou nos padrões rítmicos da música, mas na forma como os jeitos de falar africanos, têm estorvado, modulado e subvertido o falar do povo caribenho, a forma como eles apropriaram o “inglês”, a língua maior (HALL, 2009; p.39).

E tomando como exemplo os negros que vivem no Caribe, diz que a diáspora hoje reflete o continente diverso e muitas vezes ignorado pelos estudiosos, com sua multiplicidade, “pelo menos quatro ou cinco “continentes” diferentes embrulhados num só”, (Idem, p.39). Essa diversidade étnica e linguística se replicou nos países americanos, assim como no Brasil e, por consequência, na Bahia, onde os locais sagrados de culto resultaram nos espaços de vivência e disseminação de línguas remanescentes da África. Cabe-nos, enquanto pesquisadores, ressignificar essas “rotas fragmentárias” e

compreender o que podemos considerar como consequência desses processos interculturais.

### O yorubá vive nos terreiros

O referencial teórico adotado diz respeito aos estudiosos dessa temática, tais como Hampatê Ba (2010), Gilroy (1993), Giddens (2009), Hall (2009) Boaventura Santos (2009), Caputo (2012) entre outros. Acerca do yorubá na África, Beniste (2002) documenta o trabalho do pesquisador S. O. Biobaku em Laos, Nigéria, que proferiu uma série de palestras acerca das origens desse idioma, localizadas no reino de Oió:

A origem dos yorubá é, portanto, matéria de natureza histórica, não sendo desprezadas as convicções religiosas deste povo. Yorubá ou Iubá era o nome reservado aos povos de Oió e foi o nome deles que gradualmente se estendeu até cobrir todos os povos do mesmo tronco, que são agora conhecidos como povo de fala Yorubá. Esta mudança efetuou-se amplamente devido à influência da Missão Anglicana, chamada Missão Yorubá, que tinha como finalidade penetrar no interior do famoso reino dos Yorubá, com sua capital em Oió. Passaram a desenvolver uma língua escrita, baseada no falar de Oió e assim criaram uma língua padrão que era aprendida nas escolas[...] Os Yorubá designam as divindades servidoras da humanidade pelo nome genérico de Òrìsà, que é aceito pela modalidade de culto aqui estabelecida como o nome de Candomblé Kétu ou Nagó, numa alusão conjunta às suas origens étnicas. [...] Esses seres divinos são de natureza complexa (BENISTE; 2002; p. 66; 77).



Mapa representando a região compreendida pelo Reino Yorubá<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+Reino+lorubá+na+África&tbn>

Sodré (1988 p. 120) salienta também que durante todo o período em que perdurou o sistema escravocrata, os negros criaram “formas paralelas” de organização social, a) de ordem econômica: poupanças para compra da alforria de escravos urbanos b) de ordem política, por exemplo, para dirimir disputas internas de uma nação ou etnia, ou para preparação de fugas, ou ainda confraria de assistência mútua, sob a aparência de atividades religiosas cristãs. Sobre as resistências de ordem mítica, Sodré afirma:

A elaboração de uma síntese representativa do vasto panteão de deuses ou entidades cósmicas africanas (os *orixás*), assim como a preservação do culto dos ancestrais (os *eguns*), e a continuidade de modos originais de relacionamento e de parentesco; de ordem linguística – a manutenção do yorubá como língua ritualística (SODRÉ. 1988, p. 120).

Esse conjunto de dispositivos identitários e culturais trazidos pelos povos africanos sobreviveram, de certa maneira, graças à reinvenção de suas práticas religiosas como o candomblé, e continuam resistindo de forma majoritária nos terreiros, onde ainda se pratica a língua yorubá, onde é possível a manutenção de rituais e elementos míticos a partir da transmissão oral.

Tratando-se do movimento conhecido como diáspora, em que ao longo dos 500 últimos anos a população africana vem sendo obrigada a espalhar-se pelos continentes, observa-se que esse deslocamento vem possibilitando a intersecção de grupos e suas culturas (GILROY; 1993; HALL, 2009a; 2009b), chegando ao as aglutinar/desaglutinar as identidades dos sujeitos e fazê-las uma constante redefinição. É o que afirma Hall (2009a):

A globalização vem ativamente desenredando e subvertendo cada vez mais seus próprios modelos culturais herdados essencializantes e homogeneizantes, desfazendo os limites[...]. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera (HALL; 2009a, p. 43).

Dessa forma, considera-se que todas as “heranças” trazidas da África tem sido atingidas por esse movimento de constantes redefinições ao longo do tempo e, assim, interessa-nos saber qual tem sido o impacto desse movimento e trocas entre os diversos segmentos culturais para a tradição oral e a língua yorubá que permanece sendo utilizada nos terreiros.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho é fruto de uma pesquisa com perfil etnográfico, tendo como base alguns estudos nessa linha, sobretudo a partir de teóricos como Geertz (2008), para quem a cultura é elemento constituído de simbologias. Estudando a diáspora africana, temos em Hall (2003) uma importante referência, pois considerando as interações culturais dos povos africanos espalhados através desse movimento, afirma que os encontros culturais propiciam processos criativos de reinvenção para manter a autenticidade, a tradição e estabelecer uma originalidade dialógica. Disso, temos como resultado identidades fragmentárias que se agregam em torno de elementos simbólico-religiosos de matriz africana.

A escolha pelo método etnográfico, leva-nos a acreditar que os conhecimentos encontrados nos locais sagrados de culto estão se constituindo enquanto tal, e sempre em um movimento dialético de desconstrução e reconstrução, uma vez que estão dentro de uma sociedade marcada pela transformação. Por isso, fez-se necessário discutir a postura descolonizadora do pesquisador frente a esses processos. Boaventura de Sousa Santos (2009 p. 91), abordando a dominação epistemológica a qual ainda estamos vinculados, aponta que esse fator causa uma “relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias de povos e/ou nações colonizadas”.

Nessa perspectiva, para usar um termo de Santos (2009), consideramos o “epistemicídio” um equívoco já bastante praticado, sabendo que essa morte proposital dos saberes não autorizados deu-se principalmente em relação aos povos e culturas africanos e afrodescendentes. Quanto ao percurso metodológico escolhido, a pesquisa participante permitiu a aproximação com os objetos pesquisados, o que foi realizado entre os meses de maio e novembro de 2016. Os terreiros visitados foram o Bandalecongo, no bairro Quidé em Juazeiro-BA, sob responsabilidade da Yalorixá Mãe Maria de Tempo (53 anos), e o Terreiro Onzó Congo Mutalenguzo, do Babalorixá Pai Hiata (43 anos) no bairro Juazeiro 4, nesta cidade. As entrevistas semi-estruturadas e a observação durante a realização dos eventos nos terreiros acrescentou um conjunto de informações e possibilitou a compreensão sobre a relação dos filhos de santo com a questão identitária, assim como a importância que é dada aos rituais e a língua yorubá, identificada pela Babalorixá Maria de Tempo como “a língua dos antigos”.

Para efeito de análise, desenvolvemos, portanto, a escuta de cantos e rezas dirigidos as divindades cultuadas nos terreiros – Orixás e caboclos – e a partir disso, a

transliteração, com a finalidade de detectar os referidos elementos linguísticos presentes no cotidiano ritualístico do candomblé

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **A língua yorubá**

Em busca de conhecer as interações entre a tradição oral e a afirmação das identidades dos sujeitos, foram realizadas visitas aos locais de culto – terreiros – as quais proporcionaram a coleta de informações através de conversas informais com pessoas responsáveis pelos cultos e outros participantes, observação de festejos e eventos abertos à comunidade. Mediante os contatos mencionados, percebeu-se que o yorubá – no caso dos terreiros visitados - é utilizado principalmente em forma de cantos para convidar/saudar os Orixás, e de saudações trocadas entre os presentes e dirigidas também às entidades, quando incorporadas no terreiro. Estudiosos dos povos de terreiro como José Beniste (2002), Caputo (2012) e outros afirmam a permanência da língua yorubá nos rituais sagrados do candomblé, cabendo-nos compreender qual o nível de transformação que essa língua tem passado. Entendemos que ainda hoje vivenciamos os efeitos da diáspora do povo negro pelas Américas e Europa, e isso, de certa forma tem deixado impactos na vida e nas identidades desses que se percebem como afrodescendentes nos terreiros e lá encontram um vínculo que gera pertencimento.

### **Uma narrativa de preconceitos**

Mediante os contatos, percebemos também uma narrativa de preconceitos e crenças disseminadas na sociedade – encabeçadas pelo segmento evangélico - embasadas em dogmas religiosos que têm ao longo do tempo desqualificado as práticas das religiões de matriz africana, o que incide sobre os seus participantes de forma direta. Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de trabalhos acadêmicos/científicos que respondam a essas ideologias do racismo e da intolerância religiosa, possibilitando que a riqueza humana e simbólica dessas religiões sejam vista em toda a sua diversidade.

Nas palavras de Marques ( 2015; p.14): “Na veia do povo brasileiro corre o sangue africano. Nos terreiros reencontramos a memória das nações africanas que vieram para o Brasil no período colonial; religamo-nos a uma memória de África reelaborada, vivida de

um jeito muito especial nas terras brasileiras”. De tal maneira, a presença do candomblé é marcante para a identidade afrobrasileira, e portanto, deve ser compreendida com respeito por todos os segmentos da sociedade.

A riqueza ritualística do candomblé é perceptível na realização dos seus atos – rezas, cantos e danças - nos quais transparece o cuidado com a interação entre as dimensões humana e divina, momento em que os filhos de santo se dirigem ao Orixá, através de cantos com finalidades especiais, em cada ritual.

Coletamos alguns trechos dessas rezas cantadas, como uma que homenageia Oxalá, o Orixá Maior, ou pai de todos os outros.<sup>2</sup> Nesse caso específico, os filhos de santo se apresentam diante de Oxalá repetindo algumas vezes “mojubá” ou “mojuá Babá”, termo que significa, segundo o entrevistado<sup>3</sup>, pedir licença, ou pedir licença e apresentar seus respeitos diante do pai (Baba). Outras palavras como “Babalaxé” (Pai protetor), “mojubaô” e “Oloruaê”, que são variações de Mojubá e Olorum, ambas de origem yorubá, também certificam a permanência do yorubá como uma língua viva, utilizada por homens e mulheres para atribuir significado ao seu contato com as divindades em quem acreditam.

Outra palavra que aparece no texto cantado é “obuorô”, próximo de “oborô”, que significa alto título da hierarquia do culto. Compreendemos que embora não sejam competentes como falantes da língua yorubá, os filhos de santo alimentam a tradição nos terreiros através da oralidade, e esta é que possibilita a manutenção dos rituais. Embora os próprios entrevistados reconheçam que há versões diferentes da mesma palavra nos vários terreiros da mesma cidade, eles estão de acordo que o traço que mantém a ancestralidade ligada ao presente é a transmissão dos saberes sagrados e que isso também lhes propicia o sentimento de pertencimento à comunidade simbólico-religiosa.

Percebemos, assim, que os elementos da língua yourubá, de alguma forma define a nação do terreiro, na sua maioria ketu, herança dos negros africanos trazidos para o Brasil na condição de escravos, se mantêm vivos, em parte, ressignificados, e são aprendidos pelos integrantes da comunidade do candomblé dessa região do Sertão pela tradição oral e constitui elemento fundamental na afirmação da identidade negra ligada ao candomblé.

---

<sup>2</sup> Oxalá, tal como Olorum, Oxalufã ou Oxaguiã, na tradição ketu são nomes atribuídos ao Orixá maior, pai de todos os demais e mantenedor da harmonia universal.

<sup>3</sup> O entrevistado que apresentou a reza é iniciado e exerce, no terreiro, a função de Babafum, responsável pela preparação dos pós mágicos dos Orixás.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante destacar as dimensões continentais do Brasil e a dinâmica das identidades negras nesse vasto território. Inicialmente chegaram negros escravizados depois vieram as lutas, as fugas, a Lei Áurea, o “fim” da escravidão. Tratamos, pois, das diásporas da diáspora africana em solos brasileiros. Os terreiros de Juazeiro, no sertão, são uma pequena parte dessa complexa história.

A relação entre passado, presente e futuro é algo muito sutil que está no traçado das crenças dos povos tradicionais, em que um tempo convive com outro, sem grandes preocupações com uma linha divisória entre o material e o imaterial. De acordo com Giddens (2002; p. 50): “O tempo não está vazio, e um ‘modo de ser’ consistente relaciona o futuro ao passado. Além disso, a tradição cria uma sensação de firmeza das coisas que normalmente mistura elementos cognitivos e morais”.

Evidencia-se, portanto, a necessidade de compreender a língua yorubá como esse elemento que vincula o passado e o presente no cotidiano dos terreiros, fazendo filhos e filhas de santo fortalecerem suas identidades num tempo disperso e criarem laços que reforçam seu pertencimento como afrodescendentes e, portanto, herdeiros de um cabedal de fazeres/saberes merecedores de respeito e admiração.

Essa necessária compreensão deve fazer parte também dos esforços das escolas e ou dos dispositivos educativos que se debruçam sobre a educação contextualizada. Compreender a história, os enredamentos linguísticos e os saberes de povos tradicionais é condição *sine qua non* para uma educação que se queira contextualizada.

## REFERÊNCIAS

BENISTE, José. **Orum-Aiyé: o encontro de dois mundos**: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a Terra. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

CAPUTO, Stela G. **Educação nos Terreiros**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

GILROY, P. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34; 1993.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro; Zahar: 2009

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A Tradição viva**. História geral da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2. Ed. Ver. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

HALL, S. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte; Editora da UFMG, 2009.

MARQUES, Juracy et. al. Candomblé e Umbanda no Sertão: **Cartografia Social dos Terreiros de Paulo Afonso**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2009.

MARQUES, Juracy et. al.. Candomblé e Umbanda no Sertão: **Cartografia Social dos Terreiros de Jaguarari**. Manaus: UEA, 2010.

MARQUES, Juracy et. al.. Candomblé e Umbanda no Sertão: **Cartografia Social dos Terreiros de Juazeiro/BA e Petrolina/PE**. Petrolina: SABEH, 2015.

REIS, Edmerson dos Santos. (2009). A contextualização dos Conhecimentos e saberes escolares nos processos de reorientação curricular nas escolas do Campo. **Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia**. Salvador; 2009.

SANTOS, Boaventura de S. e MENEZES, Maria P. (orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra – Portugal: Ed. Almedina, 2009.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1988.